

CON. VERSAR
COM. PULSAR

13

Por Priscila Costa Oliveiraⁱ

CON.VER.SAR

Trocar ideias ou se comunicar com alguém por meio de palavras, dialogar, papear, cavaquear, comunicar, confabular, conferenciar, falar, grulhar, palavrear, palrar, parolar, parolear, piar, prosear, tagarelar.

ISTO NÃO É UMA CONVERSA

CON.VER.SAR



14

VER.SAR

aludir, abordar, considerar, estender-se, ocupar-se, pegar em (algo), manusear, compulsar, folhear.

COM.PUL.SAR

manusear, folhear para consultar e/ou extrair notas, fazer cópias.

ISTO É COMPULSAR

15

FALANDO PESSOALMENTE

UM AMIGO QUE LEU o manuscrito dêste livro, disse-me: “Você vai afastar uma porção de gente. Escreve de maneira tão superior, tem a atitude de quem pontifica: “Estou lhe dizendo...” Sabe, o leitor só o pode julgar pelo que escreve. Não o conhece pessoalmente, não sabe o homem pachorrento, sem inimigos pessoais, que você é. Não poderia fazer alguma coisa a êsse respeito? Não poderia mostrar que é tão frágilmente humano quanto todos nós?”

A resposta é que eu deveria escrever uma autobiografia como apêndice dêste livro, e isso exigiria interesse em mim e não no meu trabalho. Ainda assim, a sugestão perturbou-me, essa sugestão de que eu afirmo ser pessoa superior. Como posso desmentir isso? Hoje (a escola está em férias) mis-

R: Será para sempre impossível sabê-lo, pela boa razão de que a escrita é destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pelo corpo que escreve.ⁱⁱ



No oposto de Isto não é um cachimbo, A arte da conversa: numa paisagem de começo do mundo [...] dois personagens minúsculos estão falando: discurso inaudível, murmúrio que é logo retomado no silêncio das pedras, no silêncio dessa parede em desaprumo que domina, com seus blocos enormes, os dois tagarelas mudos; ora, esses blocos, amontoados em desordem uns sobre os outros, formam, em sua base, um conjunto de letras onde é fácil cifrar a palavra.ⁱⁱⁱ

17

A arte da conversa é a gravitação autônoma das coisas que formam suas próprias palavras na indiferença dos homens, impondo-a a eles, sem mesmo que eles o saibam, em sua tagarelice cotidiana.^{iv}

A conversa é ativada. Prioriza o encontro. A palavra falada como duração da experiência. A escuta é instaurada e se desdobra. Ao se colocar em relação ao outro de maneira horizontal coloca-se a potência na arte e não no autor. A conversa não é do autor, não é do leitor, ela não pode ser transcrita sem deixar de ser. Toda conversa é um desvio de autoria. Toda conversa é um sampler. Não existe outro tempo para além da enunciação e toda conversa acontece aqui e agora. Conversar não pode designar uma operação de registro, de verificação, mas sim aquilo a que os linguistas chamam de performativo, forma verbal oral rara, exclusivamente dada entre primeira e segunda pessoa e no presente, na qual a enunciação não tem outro conteúdo para além do ato pelo qual é proferida. A experiência da conversa é única e intransferível. A conversa é um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam falas variadas, nenhuma das quais é original, a conversa é um tecido de coisas já ditas. A conversa é copista ao mesmo tempo sublime. O conversador não pode deixar de imitar uma fala anterior, o seu único poder é saber fazer as misturas de falas. É colocar uma fala contra a outra. As palavras só podem se explicar através das palavras. E a conversa nada mais é que as palavras se aventurando ao sair dos corpos e ocupando os espaços. A conversa é aberta. Pressupõe horizontalidade. A conversa não é de ninguém. Não tem dono, nem origem, nunca acaba. Durante um conversar tudo pode elucidar-se e tudo pode confundir-se. Ao dizer que a conversa pode ser escrita estaria mentindo. A conversa é um movimento de desterritorialização, de linhas de fuga.^v A conversa é um caso devir, sempre inacabada, sempre em via de fazer-se. Extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.^{vi} A conversa só faz sentido para evaporar. As conversas multiplicam as incertezas. Uma conversa é feita de falas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; a unidade de uma conversa não está na sua origem, mas no seu acontecimento.





ⁱ Mestranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação da UDESC. Bolsista CAPES.

ⁱⁱⁱ BARTHES, Roland. A morte do autor [Texto publicado em: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004]

ⁱⁱⁱⁱ FOUCAULT, Michael. Isto não é um cachimbo. Tradução Jorge Coli. — Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

^{iv} FOUCAULT, Michael. Isto não é um cachimbo. Tradução Jorge Coli. — Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

^v LEVY, Tatiana Salem, 1979. A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

^{vi} DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: ed. 34, 1997. Coleção TRANS.

Imagem I: Sentar à porta no Projeto Criar na Cidade da Agência CKCO em Pelotas, 2017. Financiamento PROCULTURA. Foto: Natalia Linck

Imagem II: A condição de espera/Estado de presença: ações, conversações e narrativas. Triplex Arte Contemporânea, Pelotas, 2014. Acervo pessoal.

Imagem III: Sentar à porta na exposição Reabito: modos de habitar a cidade da Revista Arte Contexto, Porto Alegre, 2015. Foto: Marcius Andrade